

**XXXIII SEMANA DE HISTÓRIA DA UFJF – GÊNERO, RAÇA,  
SEXUALIDADE E CLASSE: POTENCIALIDADES  
INTERSECCIONAIS SOB A ÓTICA DO SABER HISTÓRICO  
– 15 A 19 DE OUTUBRO DE 2018/ICH-UFJF.**

RELAÇÃO DOS SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

**DATA:** 16 E 17 DE OUTUBRO DE 2018

**HORA:** 9H00 AS 12H00

**LOCAL:** DEPENDÊNCIAS DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DA UFJF/CAMPUS JUIZ DE FORA

SIMPÓSIO TEMÁTICO 01: **“O passado em circulação”: Imprensa, História,  
política e sociabilidades no Brasil republicano.**

**Coordenadoras:**

Juliana Martins Alves (Doutora – USP)

Alessandra de Carvalho Germano (Mestra – UNIRIO)

**Ementa:**

A partir de uma pluralidade temática, este simpósio visa a reunir pesquisadores dedicados ao estudo da imprensa, em sentido amplo (englobando periódicos, jornais, revistas, pasquins, panfletos e outros meios de informação/circulação de ideias, escritos e não escritos) – seja como objeto de estudo ou como fonte documental. Ele comportará trabalhos que reflitam sobre projetos, interesses, grupos, indivíduos, instituições, movimentos e práticas sociais, culturais e políticas de diferentes sujeitos históricos, relacionados à imprensa (como fonte ou objeto), tendo em vista sua historicidade. Nessa perspectiva, estarão em debate temas como: imprensa, relações de gênero e classe; representações culturais e práticas de poder; formação de identidades políticas, sociais e culturais, que tenham os impressos como *locus* privilegiado; culturas, lutas políticas, sociabilidades e imprensa; intelectuais, poder e imprensa; censura, entre outros.

Vista como “instituição plural e complexa”, a imprensa integra diferentes intercâmbios de relações: disputas pelo poder, embates e projetos políticos, interesses econômicos e criações culturais – interagindo com as várias dimensões da realidade histórica e com as práticas político-institucionais de diversos atores sociais. Compreendendo o período que se estende do início do regime republicano à atualidade, o simpósio objetiva proporcionar um profícuo debate entre os pesquisadores que se debruçam sobre um dos mais destacados temas do fazer historiográfico: as complexas e contraditórias relações entre imprensa, memória e História.

## Bibliografia

- ABREU, Alzira Alves de e LATMAN-WELTMAN, Fernando. “Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954”. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- \_\_\_\_\_. *et alii* (org.). *A imprensa em transição* (O jornalismo brasileiro nos anos 50). Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- \_\_\_\_\_. “Uma instituição ausente nos estudos de transição, a mídia brasileira”. In: ABREU, Alzira Alves de (org.). *A democratização no Brasil: atores e contextos*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ALVES, Francisco das Neves. “Imprensa e política: algumas reflexões acerca da investigação histórica”. *História em Revista*, n. 7, Pelotas, Núcleo de Documentação Histórica da Universidade de Pelotas, dezembro de 2001.
- ALVES, Juliana Martins. *Entre as trincheiras da oposição: o trabalhismo varguista (1943-1945)*. Dissertação de Mestrado em História Econômica. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. “História levada a público. Direitos Sociais em ‘Revista’ nos Boletins do Ministério do Trabalho nos anos 1950”. *Passagens.Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, janeiro-abril, 2014, p. 150-170.
- ANDRADE, Jeferson de. *Um jornal assassinado: A última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- BALZAC, Honoré de. *Os Jornalistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da imprensa Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BURKE, Peter e BRIGGS, Asa (orgs). *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Os arautos do liberalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- FERREIRA, Jorge (org.). *O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1889-1930)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- \_\_\_\_\_. (org.). *O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1930-1945)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- \_\_\_\_\_. (org.). *O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1946-1964)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.
- FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LUSTOSA, Isabel. *As trapaças da sorte: ensaios de história política e de história cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.
- MAIA, Andrea Casa Nova (org.). *O Mundo do Trabalho nas páginas das Revistas Ilustradas*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2016.
- MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República – São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando. *Cidadania e razão na imprensa escrita: retórica e prática excludente em períodos democráticos. (Os anos 50 e 90)*. Belo Horizonte: Anais do XIX Simpósio Nacional de História da ANPUH, 1997.

MELOT, Michel. *L'oeil qui rit. Le pouvoir comique des images*. Fribourg/Paris, Office du livre/Bibliothèque des arts, 1975.

\_\_\_\_\_. *Uma Breve História... da Imagem*. Porto/Portugal: Editora Húmus, 2015.

MOREL, Marco. *A imprensa periódica no século XIX*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Rede da Memória Virtual: <http://catálogos.bn.br>, 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga. (org.). *Imprensa e poder*. São Paulo: Imprensa Oficial de SP, 2002.

NEVES, Lúcia Maria Bastos; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e Imprensa. Representações Culturais e Práticas de Poder*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006.

\_\_\_\_\_. “A produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em acervos norte-americanos: estudo de caso”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, n. 61, 2011, p. 271-296.

REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro, EdUF RJ / Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RICOEUR, P. *A memória, a História, o esquecimento*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2000.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros anos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. *As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na Semana Illustrada*. Dissertação de Mestrado em História. IFCH, UNICAMP, Campinas, 2007.

TILLIER, Bertrand. *À la Charge ! La caricature en France de 1789 à 2000*. Paris: Les éditions de l'amateur, 2005.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luíza (org.). *Minorias silenciadas: História da censura no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado/Fapesp, 2002.

## **SIMPÓSIO TEMÁTICO 02: Artes e Ofícios de Curar: múltiplas experiências sobre as intervenções no corpo doente.**

### **Coordenadores:**

Maciel Antonio Silveira Fonseca - Doutorando em História UFJF

Marcos Estevam Vasconcelos Silva - Doutorando em História UFJF

### **Ementa:**

Este Grupo de Trabalho tem por escopo reunir estudos que busquem investigar e discutir os saberes, as práticas e as representações relacionadas à doença, compreendidas como fenômenos socioculturais. Pretende-se aprofundar, entre outras questões, nos significados conferidos por indivíduos e por diferentes grupos sociais, em diversos contextos históricos, à experiência do adoecimento, das enfermidades e da melhor forma de curá-las, tal como os impactos produzidos por essas experiências na percepção e na organização social.

Sob tal perspectiva, este GT pretende abarcar tanto as pesquisas sobre as artes e os ofícios de curar “tradicionais”, que em grande parte foram e ainda são praticadas a partir de preceitos pautados em concepções que compreendem o funcionamento do corpo integrado a elementos sobrenaturais, quanto às práticas médicas orientadas pelo discurso científico, representada pela tradicional medicina acadêmica dos hospitais. Toda forma de

estudo da medicina, da saúde, das doenças, das epidemias, da espiritualidade associada às práticas de curar e demais temas tangentes de práticas de cura e associações de combate às doenças, serão bem-vindos.

A interdisciplinaridade dos trabalhos e dos campos de abordagens possibilitará um maior diálogo entre os pesquisadores, contribuindo para uma discussão proveitosa sobre o tema e suas possíveis perspectivas de análises.

### **SIMPÓSIO TEMÁTICO 03: A ditadura civil-militar brasileira: diálogos sobre uma conjuntura.**

#### **Coordenadores:**

Natália Aparecida Godoy da Silva - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Licenciada em História pela mesma instituição. E-mail: [nataliajfm@gmail.com](mailto:nataliajfm@gmail.com)

Paulo Henrique Silveira Damiano - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Licenciado em História pela mesma instituição. E-mail: [paulohenriquesd@hotmail.com](mailto:paulohenriquesd@hotmail.com)

#### **Ementa:**

O tema da ditadura civil-militar brasileira está, hoje, em voga na sociedade. Com a crise político-institucional a qual o Brasil vem passando, muito se ouve sobre o tempo dos militares. Há muitas manifestações de denúncia à ditadura, mas há, também, pedidos de intervenção militar. O debate se torna cada vez mais polarizado, gerando uma verdadeira batalha pela memória da ditadura. Em um cenário no qual temos um candidato à presidente da República que apoia publicamente o regime autoritário a qual vivenciamos nas décadas de 1960, 70 e 80, e que tem projetos de lei (em âmbito municipal, estadual e nacional) que visam cercear as liberdades de ensino, tal como o “Escola sem partido”, torna-se cada vez mais importante travarmos debates sobre a ditadura e seus impactos sociais.

Os próprios debates sobre história pública se intensificaram nos últimos anos no Brasil. A criação da Rede Brasileira de História Pública – RBHP, em 2012, é sintomático de tal preocupação. O interesse por história compartilhado por um público leigo e a emergência do conhecimento histórico em mídias digitais, entre outros fatores, contribuíram, como ainda contribuem, para o crescimento das reflexões sobre a ditadura, a história pública e a história do tempo presente, e o papel do historiador dentro dessas disputas de memória. A conjuntura descrita acima justifica as problematizações que dizem respeito às comissões da verdade e outros organismos de reparação e sobre as potencialidades e desafios que envolvem a história pública.

Este Simpósio Temático pretende, assim, ser um espaço de debate para pesquisas que tenham como interesse o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) em suas diferentes abordagens teórico-metodológicas. A censura, a repressão, os autoritarismos de Estado, a luta armada, os movimentos sociais (trabalhadores, sindicatos, esquerdas, igrejas, etc.), dentre outras, assim como as abordagens acerca da história pública e temáticas correlatas, como a história do tempo presente, história oral e as comissões da verdade, são algumas propostas de análises das quais este simpósio busca reunir.

#### SIMPÓSIO TEMÁTICO 04: Juiz de Fora: História e Pesquisa

##### **Coordenadores:**

Felipe Marinho Duarte (Doutor em História – Universidade Federal de Juiz de Fora)

Fabio Augusto Machado Soares de Oliveira (Doutorando em História – Universidade Federal de Juiz de Fora)

##### **Ementa:**

O simpósio temático "Juiz de Fora: História e Pesquisa" destina-se a discutir e divulgar pesquisas de âmbito local que tenham Juiz de Fora como foco de análise, desde a consolidação de seu arraial no século XVIII até meados do século XX. Pretende-se promover debates sobre as dimensões dos distintos e complementares espaços do que veio a ser o município e seu entorno, a saber, o campo e a cidade, suas especificidades e suas inter-relações com outras partes de Minas Gerais e do Brasil, bem como suas conexões internacionais. O objetivo principal é estimular uma produção historiográfica própria, cujo crescimento nos últimos anos é visível, colocando em contato pesquisadores que se dedicam aos estudos deste *Locus* sobre os mais variados temas: cafeicultura, escravidão, movimento operário, crédito, industrialização, urbanização, arquitetura, cultura política, associativismo urbano, religião, entre outras propostas investigativas que elucidem a História de Juiz de Fora.

Ao longo dos anos, o curso de História da Universidade Federal de Juiz de Fora se manteve próximo das discussões pertinentes ao seu município através da promoção de eventos acadêmicos, núcleos de estudos, laboratórios de pesquisas e das investigações publicadas por seus docentes e discentes. Nesse sentido, torna-se relevante a promoção de um simpósio capaz de reunir num mesmo espaço os pesquisadores do tema, procurando abarcar, sobretudo, a produção historiográfica mais recente desse universo de pesquisa tão diverso, mas que compartilham um mesmo objeto - Juiz de Fora -, de modo a acrescentar questões, sobre métodos, fontes e estratégias que possam ser exploradas e comparadas.

## SIMPÓSIO TEMÁTICO 05: Intelectuais, História e Literatura na formação das sociedades.

### **Coordenadores:**

Daiana Pereira Neto – Doutoranda em História pela UFJF ([daianapneto@hotmail.com](mailto:daianapneto@hotmail.com));

Pedro Henrique Leite – Doutorando em História pela UFJF ([pedrohenriqueleite@mail.com](mailto:pedrohenriqueleite@mail.com));

Mariane Ambrósio Costa – Doutoranda em História pela UNIRIO ([mariane.ambrosioc@gmail.com](mailto:mariane.ambrosioc@gmail.com))

### **Ementa:**

Este simpósio se dedicará a discutir a pluralidade de problematizações acerca da relação entre intelectuais, história e literatura na formação das sociedades. Para abarcar a amplitude temática, serão bem-vindos trabalhos que partam em duas direções complementares: a da literatura como fonte para pensar os processos históricos, compreendendo-a a partir de seus mais diversificados gêneros, como romances, literatura de viagem, crônicas, autobiografias, epístolas, bem como artigos que problematizem a relação entre a história e a literatura como documento. De igual modo, abrimos espaço para trabalhos que busquem compreender o papel dos intelectuais, seus espaços de atuação, tais como jornais e revistas, suas redes e sociabilidades. As balizas temporal e espacial são amplas, sendo desejáveis, portanto, trabalhos cujo enfoque esteja pautado na compreensão da complexa relação entre história e literatura, bem como a relação dos intelectuais e da sociedade da qual fazem parte.

Alguns dos eixos temáticos possíveis – mas não somente – são: obras literárias e a visão sobre as cidades na América Latina; a apropriação dos processos históricos pela literatura; obras literárias como documentos históricos; o papel dos intelectuais na consolidação do campo literário; a literatura de viagem e a sua importância na consolidação de identidades; intelectuais e suas redes e sociabilidades; intelectuais e sua atuação em jornais e revistas; condições histórico-sociais de circulação/recepção de textos literários e jornalísticos; narrativas literárias e narrativas historiográficas, pontos de afinidade e distanciamento; periódicos como espaço de luta política e formação/afirmação de identidades e culturas políticas no Brasil e na América Latina.

### **Referências Bibliográficas:**

BARTHES, Roland. *La Aventura Semiológica*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BETHEL, Leslie (Org.). *História da América Latina Vol. VIII: A América Latina Após 1930. Ideias, Cultura e Sociedade*. São Paulo: EDUSP, 2011.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. M. (org.) *A história contada: capítulos de História social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. “As relações no passado. História e ficção”. In: *A história ou a leitura do tempo*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LACAPRA, Dominick. “Repensar la historia intelectual y leer textos”. In: PALTÍ, Elías José. *Giro lingüístico e história intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1980.

SIRINELLI, Jean François. “Os Intelectuais”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1997.

### SIMPÓSIO TEMÁTICO 06: Ações para com o patrimônio: diálogos necessários

#### **Coordenadores:**

Carolina Vétère Neves Gonze Maia - Graduada em Licenciatura em Artes Visuais / UFJF  
[carolina\\_vetere@yahoo.com.br](mailto:carolina_vetere@yahoo.com.br)

Luiz Henrique Souza de Giacomo – Doutorando em História Social / USP  
[luizgiacomo@yahoo.com.br](mailto:luizgiacomo@yahoo.com.br)

#### **Ementa:**

É dever do Estado brasileiro cuidar de seu patrimônio. No entanto, apenas com uma sociedade civil atenta ao que vem sendo desenvolvido no campo patrimonial, seja nas instituições que possuem esse fim (bibliotecas, arquivos e museus) – mas não apenas elas –, seja em pesquisas acadêmicas, que poderemos ajudar e cobrar do poder público efetivas ações patrimoniais. Estamos numa época em que também é cobrada dos cidadãos a participação nas ações cotidianas, como meio de ação política, para que tenhamos, também, como exigir de nossos políticos sua parte. Apenas por meio de uma ação conjunta que poderemos tornar, principalmente na área do patrimônio histórico e artístico, a realidade de descaso – que configura grande parte do cenário nacional nesse âmbito – em ações de preservação e valorização do nosso passado e de seus vestígios.

Aproveitar o espaço de um evento acadêmico na área de História é essencial por pensarmos que, numa região em que não há cursos específicos de Conservação e Restauro, Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia, as funções desempenhadas pelos profissionais dessas áreas recairão sobre historiadores, o que já ocorre em alguns casos. Assim, damos a possibilidade que futuros profissionais possam já conhecer o panorama do que vem sendo desenvolvido na região no campo patrimonial e, a partir da troca de experiências, estabelecer uma rede de contatos e conhecimento, mas, sobretudo, fortalecer as diversas atitudes desenvolvidas. Apenas a partir da divulgação daquilo que vem sendo realizado é que se podem ser efetuados diálogos.

Outra questão que também nos motiva para essa proposta é a educação patrimonial. Cabe, muitas vezes, aos professores de História a árdua tarefa de conscientizar seus alunos sobre o nosso patrimônio histórico e artístico, por meio de suas aulas e de atividades para além do espaço escolar. Desse modo, esse momento de diálogo é importante para que os futuros professores possam, inclusive, conhecer as instituições, os profissionais, os espaços físicos de trabalho (como os laboratórios de conservação, espaços potenciais para a troca das primeiras informações sobre cuidados básicos ao se manusear um bem patrimonial, destacando as possíveis degradações e como evitá-las) e os acervos existentes, para, em seguida, quando estiverem exercendo a docência, contribuírem, por meio de aulas de educação patrimonial, com o fortalecimento do campo junto à sociedade civil.

Todos devemos nos aproximar e unir, estabelecendo diálogos, pois assim estaremos, mesmo que de modo ainda inicial, fortalecendo o campo patrimonial. É preciso que canais para diálogo e troca de experiências entre profissionais, pesquisadores e estudantes sejam estabelecidos, justamente a proposta de nosso Simpósio Temático.

Nosso foco são trabalhos que abordem atividades com o patrimônio que vêm sendo realizados sejam elas em bibliotecas, arquivos, museus, centros de informação, fundações culturais, grupos de pesquisa ou pesquisas acadêmicas (graduação e pós-graduação). Queremos permitir o diálogo entre profissionais, pesquisadores e estudantes para que possam ser conhecidas as atividades que vêm sendo desenvolvidas. Assim, nos interessam: atividades técnicas com o tratamento documental; ações de restauração e conservação; ações educativas; pesquisas sobre a história patrimonial ou de metodologias relacionadas; entre outras.

## **SIMPÓSIO TEMÁTICO 07:Religião, religiosidades, cultura e política: séculos XIX e XX**

### **Coordenadores:**

José Leandro Peters (Doutor em História UFJF);

Alexandre Luis de Oliveira (Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS)

### **Ementa:**

O presente simpósio temático pretende congrega pesquisas que tangem as relações religiosas frente às políticas desenvolvidas pelo Estado. Nesse caminho, propomos um grupo de trabalho que visa reunir pesquisadores de variadas áreas interessados em debater como os diferentes discursos e fatores religiosos estiveram relacionados aos eventos históricos (culturais, sociais e políticos) ao longo dos séculos XIX e XX, ou como os

estudos no campo religioso ajudam na compreensão da história política social e cultural dos diversos Estados nos séculos XIX e XX. No que tange à história nacional brasileira, esse é um período com diversos acontecimentos que colocam em questão as variadas relações entre sociedade, religião, cultura e política. Ao longo do século XIX percebemos intensos debates em torno das relações entre Estado e Igreja: a formação do Estado brasileiro, o regime do padroado e a independência da Igreja no Brasil, a reforma ultramontana, a Proclamação da República e o Estado Laico; são exemplos de momentos em que as relações entre sociedade, religião, política e cultura estiveram em ênfase. Esses debates acabaram por repercutir ou ter a sua continuidade ao longo do século XX, em que percebemos uma disputa pelo espaço religioso entre a igreja católica e as igrejas protestantes e pelo espaço público entre as igrejas, o Estado, e diversos movimentos sociais. Esses espaços de conflito promoveram fissuras institucionais, mas também permitiram movimentos de união entre discursos: hibridismos, mestiçagens; enfim abriram campos de negociação e quase sempre foram modificados na prática social, política, cultural e religiosa. O simpósio temático pretende capitalizar essas formas de pesquisas.

### SIMPÓSIO TEMÁTICO 08: Conceitos e linguagens políticas

#### **Coordenador:**

Renato de Ulhoa Canto Reis (Doutorando em História pela UFJF)

#### **Ementa:**

A partir do “giro linguístico”, termo que procura sintetizar diversificadas e heterogêneas abordagens relacionadas às novas posições epistemológicas em diferentes áreas das humanidades, houve alterações substanciais no campo do conhecimento histórico. Dentro dessa perspectiva tratou-se de reconsiderar os problemas clássicos da historiografia, como a compreensão dos textos, dos imaginários, mentalidades, ideias e/ou pensamentos, a partir de um olhar preocupado, por um lado, com os conceitos e linguagens políticas utilizadas pelos atores históricos para ordenar e dar um sentido para o mundo em que vivem e, por outro, para a historicidade destes usos linguísticos. Dessa forma as abordagens voltaram sua atenção para os atores envolvidos em diferentes contextos de debate e para a forma como lançam mão de conceitos, linguagens e estratégias para se inserir nos conflitos políticos e em suas respectivas resoluções. A proposta do presente Simpósio Temático é agregar trabalhos que se insiram nessa discussão, tanto em seu nível teórico e metodológico, quanto na realização prática de interpretação linguística e conceitual dos mais diferentes períodos ou atores históricos.

As abordagens que enfocam nos discursos, linguagens e conceitos políticos estão revisitando problemas e questões clássicas da filosofia e da teoria política a partir de uma

ótica essencial na formação do historiador: a historicidade. Assim, trata-se de entender historicamente como se compreendiam conceitos como “estado”, “civilização”, “opinião pública”, “representação”, “raça”, “soberania”, “liberalismo”, “modernidade”, etc. e as relações políticas estabelecidas entre os sujeitos históricos. As questões de interpretação dos textos e das fontes, o problema das ideias fora de lugar, o método comparativo, entre outros, são alguns problemas que essa abordagem e esse simpósio pretendem discutir. Propõe-se também um espaço para a discussão sobre os jogos de escalas (local, regional, nacional, transnacional, global) e a forma como os estudos sobre os conceitos e as linguagens políticas permitem repensar suas dinâmicas de relações. Tendo em vista a relevância destes temas para a formação do historiador, o simpósio temático aqui proposto ajuda a pensar na forma como os diferentes atores históricos interagem e atribuem significado para as suas experiências. Justifica-se este simpósio a partir da relevância da abertura de um espaço no qual se possam discutir as múltiplas questões do político a partir do enfoque nas linguagens, conceitos, contextos, discursos, práticas e estratégias políticas em diferentes períodos históricos.

### **SIMPÓSIO TEMÁTICO 09: História, gênero E sexualidade: Processos de construção da subjetividade na escrita da História**

#### **Coordenadores:**

Cristiane de Paula Ribeiro (Mestranda - UFJF)

Geovane Batista da Costa (Mestrando - UFJF)

Stella Ferreira Gontijo (Mestranda – UFF)

#### **Ementa:**

Este Simpósio Temático, em sua 2ª edição, objetiva abarcar discussões referentes a gênero e sexualidade e as suas respectivas intersecções concernentes a raça, classe, etnia, religião na História. Temos como intuito, também, colaborar com pesquisas em andamento e propiciar uma interdisciplinaridade nas diversas áreas das Ciências Humanas, propiciando diálogo e contribuições nos novos estudos que pensam a partir da perspectiva do gênero.

O gênero, como categoria útil de análise histórica, proposto pela americana Joan Wallach Scott, ajuda-nos a compreender as diferenças presentes entre os sexos como construções sociais e seus sistemas de significação, isto é, maneiras como as sociedades representam o gênero com o passar das décadas, negando assim, o determinismo biológico. Em sua argumentação, a autora aponta que o gênero no seu uso descritivo é apenas um conceito associado ao estudo das coisas relativas às mulheres, mas não tem a força de análise suficiente para interrogar e mudar os paradigmas históricos existentes.

Neste sentido, tais estudos possibilitaram um novo olhar para a história, crítico à polarização para um sujeito humano universal.

Ressaltamos ainda que, nesse processo de constituição do gênero, é impossível explicarmos por que a vulnerabilidade é maior entre mulheres do que homens, sem que se leve em conta as relações de gênero, assim como não se pode compreender as posições assimétricas e hierárquicas que se definem entre as próprias mulheres, sem levar em consideração raça e classe como fatores fundamentais<sup>1</sup>, sendo necessário pensarmos sob uma perspectiva interseccional.

O conceito de interseccionalidade, aqui nos ajuda, mostrando-nos que nem sempre lidamos com grupos distintos e, sim sobrepostos<sup>2</sup>, demonstrando-nos uma interdependência das relações de poder e das hierarquias presentes na sociedade. O surgimento do termo se deu na década de 1990, a partir das formulações de Kimberlé W. Crenshaw, como uma proposta de levar em conta as múltiplas identidades<sup>3</sup> na constituição de desigualdades.

No que tange ao conceito de sexualidade, por ser abrangente e não se encaixar em uma única definição, é alvo de distorções e reducionismos e normalmente acaba sendo associado como sinônimo de genitalidade, ou seja, dentro do campo biológico. Mas, aqui, concordamos com a Organização Mundial de Saúde (OMS) que em 2002 definiu a sexualidade como um aspecto da vida humana influenciada por fatores diversos ligados a diferentes campos, e a entenderemos, dentro de uma perspectiva foucaultiana, como um dispositivo das relações de poder, constituído ao longo da Modernidade capitalista, que divide a sociedade em categorias como homossexuais, bissexuais e heterossexuais, só para falarmos das mais conhecidas, na qual a heterossexualidade é a dominante e tida com normal, sobrepondo às demais.

Consideramos que ao aplicarmos as categorias de gênero e sexualidade aos estudos epistemológicos da história, não se relaciona com anacronismo, pois, são categorias analíticas e representativas. Margareth Rago (1995) assim nos explica:

Afinal, se considerarmos que a epistemologia define um campo e uma forma de produção do conhecimento, o campo conceitual a partir do qual operamos ao produzir o conhecimento científico, a maneira pela qual estabelecemos a relação sujeito-objeto do conhecimento e a própria representação de conhecimento como verdade com que operamos, deveríamos prestar atenção ao movimento de constituição de uma ( ou seriam várias?) epistemologia do conhecimento.

---

<sup>1</sup> BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

<sup>2</sup> Ver mais em: CRENSHAW, Kimberlé. (2002), “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. *Estudos Feministas*, 10 (1): 171-188.

<sup>3</sup> Ver mais em: HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v.26, n.1, junho de 2014, p.61-73. MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. *Cadernos Pagu*, n.24, jan.-jun., 2014, p.201-248.

Por fim, vale a ressalva, de que ao consideramos todos esses como construções sociais e históricas, portanto, datados e de estrita relação com a questão do poder, assim, discordamos, por exemplo, que gênero e sexo sejam unicamente de origem biológica. Por isso é importante desnaturalizarmos estas questões e, este é o objetivo deste Simpósio, que aceitará trabalhos que discutam nas mais variadas perspectivas teóricas e com os mais distintos objetos de pesquisa, particularmente, aqueles que contenham metodologicamente uma análise histórica. Assim, convidamos as pesquisadoras e pesquisadores que trabalham com os mais diversos objetos (periódicos, revistas, fotografias, biografias, literatura, cartas, ofícios, etc.), a fazerem parte de nosso Simpósio, para podermos discutir e compartilharmos questões referentes ao gênero, história e sexualidade, pensando sempre no viés interseccional.

### Referências:

- CRENSHAW, Kimberlé. (2002), “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. **Estudos Feministas**, 10 (1): 171-188.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. V.I. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BIROLLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. Sobre a história da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 243-276.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v.26, n.1, junho de 2014, p.61-73.
- MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. **Cadernos Pagu**, n.24, jan.-jun., 2014, p.201-248.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- RAGO, Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira**. In: Silva, Zélia Lopes (orgs.). **Cultura Histórica em debate**. São Paulo: UNESP, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A "mulher cordial": feminismo e subjetividade**. Verve, n.06: p. 278-296, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Descobrir historicamente o gênero**. **Cadernos Pagu**, p.89-98, nov. 1998.
- \_\_\_\_\_. Epistemologia feminista, gênero e história. In: Pedro, Joana; Grossi, Mirian (orgs.) **Masculino, feminino, Plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós Modernos**. In: Lima, Cláudia Costa. **Poéticas e Políticas Feministas**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Feminizar é preciso. Por uma cultura filógena**. **Revista do SEADE**, São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O efeito-Foucault na historiografia brasileira**. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 7(1-2): 67-82, out. 1985.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Vol.20 (2), jul/dez. 1995.

## SIMPÓSIO TEMÁTICO 10: O habitar a cidade: reflexões e narrativas das desigualdades

### **Coordenadores:**

André de Oliveira Melo - Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Cristina Aparecida Sancho - Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Lilian Aparecida de Souza – Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.

### **Ementa:**

O presente simpósio temático pretende reunir trabalhos de pesquisa que busquem nas ciências humanas e nas suas relações interdisciplinares, possibilidades de leitura crítica sobre as desigualdades socioespaciais que marcam as cidades. Como recorte propõe-se discussões em torno da problemática habitacional no Brasil, principalmente no que tange à vida nas periferias e às políticas públicas voltadas para a provisão de moradias, sendo interessante destacar reflexões que se relacionem com questões de classe, cor e gênero.

Dialogando com os saberes da História, Geografia, Literatura, Sociologia, Arquitetura e outras áreas, colocamos a seguinte indagação: Todas as pessoas que vivem em uma cidade têm as mesmas possibilidades de habitar, circular, e usufruir desse espaço? Respondemos que não, pois as cidades modernas são produto de uma história concreta, na qual o poder econômico e político foi consolidado nas mãos de poucos, gerando assim a segregação da grande maioria.

Na prática, a forma como as cidades crescem e se desenvolvem expressam as relações sociais de produção capitalista e sua reprodução política e espacial. Nesse sentido, elas se apresentam como espaços importantes para a reflexão da realidade contemporânea, já que são ao mesmo tempo, lugar de encontro e de isolamento de seus habitantes.

Pensar sobre as cidades requer compreender esses lugares como espaços marcados pela divisão da sociedade em classes, fruto das ações dos sujeitos que as produzem através de práticas orientadas por interesses antagônicos. Assim, para cada um dos sujeitos a cidade assume um significado e uma possibilidade de apropriação diferente. Esse conflito se dá principalmente em torno da moradia, pois esta é uma necessidade básica para a vida

humana, mas é uma mercadoria das mais caras e valorizadas, a qual grande parcela dos trabalhadores não consegue adquirir.

Basta observar qualquer cidade para verificar que há uma grande diferença entre as localizações, construções, acabamentos e infraestruturas a que estão servidas as moradias. Também há diferença de classe e de cor de seus habitantes. Entretanto, na maioria das vezes esta distinção não está relacionada com as modificações ao longo dos tempos históricos e sim com uma variação no mesmo tempo e espaço, marcada pelas desigualdades na apropriação da riqueza produzida.

Diante disso, este simpósio busca debater as interseções entre os projetos de urbanização capitalista, as práticas socioespaciais dos cidadãos e os aspectos simbólicos que permeiam o habitar a cidade, principalmente no que tange às periferias, entendidas aqui como espaços repletos de restrições materiais e imateriais, mas que carregam a força de seus residentes, sendo assim potências criativas e de ressignificação. Esse simpósio também se interessa por leituras que abordam o papel desempenhado pelo Estado e as políticas habitacionais como um instrumento importante, mas também contraditório, na produção das cidades. Além disso, busca debater sobre experiências organizativas que contribuam na compreensão da necessidade urgente de reivindicação do direito à cidade.

## **Bibliografia**

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**. Belo horizonte: Mazza Edições, 2006.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabela 1.8 - População nos Censos Demográficos, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e a situação do domicílio - 1960/2010**. 2015. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

LEFEBVRE, H. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARICATO, E. As tragédias urbanas: desconhecimento, ignorância ou cinismo? **Minha cidade**, [S.l.], ano 11, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.129/3795>>. Acesso em: 31 dez. 2014.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. 7ª ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SOUZA, M. L.A Cidade, a Palavra e o Poder: Práticas, Imaginários e Discursos Heterônomos e Autônomos na Produção do Espaço Urbano. In: Carlos, A.F.A. Souza,

M.L. e SPOSITO, M.E.B. **A Produção do Espaço Urbano: Agentes e Processos, Escalas e Desafios.** São Paulo: Contexto, 2011.

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 11: Repensar o Oitocentos da América Ibérica: Estado, Instituições, elites e imprensa.**

**Coordenadores:**

Juliana Gomes de Oliveira – Mestranda em História – UFJF

Thomaz Santos – Mestrando em História – UFJF

**Ementa:**

O presente Simpósio Temático se propõe a ser um espaço de discussão para as pesquisas direcionadas às abordagens teórico-metodológicas da história política. Em meados do século XX, houve uma renovação no estudo da Política e das ideias políticas. O eixo central dessa renovação se deu a partir da troca com disciplinas como a Ciência Política, a Antropologia, Sociologia e Linguística. Dessa forma passou-se a analisar temas como a participação na vida política, os partidos políticos, as eleições, etc. sob um novo prisma, ampliando o uso de fontes e objetos de análise, e repensando temas antigos a partir desse novo olhar. A historiografia mais recente, principalmente a conhecida como história política renovada, tem evidenciado propriamente a efetivação simbólica do político, seja nos espaços ou redes de sociabilidades, em sua circulação ou sua produção.

Essa renovação nos possibilita compreender a construção e o desenvolvimento das expressões e valores políticos, o papel simbólico das experiências coletivas ou individuais que modificaram e ao mesmo tempo foram modificadas nas relações sócio-políticas da construção de Estados independentes. Portanto, a renovação nos dá uma importante ferramenta para analisar o longo século XIX (1789 – 1914) na América Ibérica, período crucial para o desenvolvimento dos espaços de sociabilidades, nos quais atores históricos e relações cotidianas cruzavam-se.

Esta proposta de Simpósio Temático se justifica pela pretensão de desvelar novos outros caminhos possíveis para se perceber o passado, na medida em que se propões a refletir a partir dessa renovação historiográfica ocorrida no campo da História Política, além de buscar proporcionar uma interlocução entre os pesquisadores que se dedicam à História Política.

Nesse sentido, este Simpósio busca acolher as mais diversas pesquisas que têm a imprensa, correspondências, atas, manuscritos, etc., como fontes de pesquisa, fontes estas que trazem à tona relações sociais complexas, sejam elas pessoais, atuações políticas, dinâmicas das Instituições do Estado, etc., as quais são cruciais para se pensar, analisar e

entender os debates acerca das dinâmicas sociopolíticas no período oitocentista da América-Ibérica.

### **Bibliografia:**

ARENDDT, Hannah. O que é política? 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BARATA, Alexandre Mansur; MARTINS, Maria Fernanda Vieira & BARBOSA, Silvana Mota (orgs.). Dos Poderes do Império: culturas políticas, redes sociais e relações de poder no Brasil do século XIX. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014.

BARATA, Alexandre Mansur, BARBOSA, Silvana Mota, et. Alii. Dimensões da Política na História: Estado, Nação e Império. Locus: Revista de História: Juiz de Fora. v.13, n. 01, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da história política. Estudos Históricos, p. 265-271.

MOREL, Marco. As Transformações dos Espaços Públicos: Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840) SP: HUCITEC, 2005.

RÉMOND, René (org). Por uma História Política. Rio de Janeiro: UFRJ – FGV, 1999.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

RÉMOND, René (org.). Por uma História Política. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história do político. São Paulo: Alameda, 2010

### SIMPÓSIO TEMÁTICO 12: Debates na arte: Identidades e Representações

#### **Coordenadoras:**

Luisa Pereira Vianna – mestranda em História PPG/ICH – Laboratório de História da Arte - UFJF

Paula Nathaiane de Jesus da Silva – mestranda em História PPG/ICH – Laboratório de História da Arte – UFJF

#### **Ementa:**

A pretensão deste simpósio é reunir trabalhos que contemplem pesquisas sobre as questões de gênero, raça e sexualidade em diversas temporalidades e campos das artes, nas diferentes linguagens artísticas: pintura, escultura, gravura, cinema, televisão, fotografia, moda, música, ilustração, literatura, entre outros. Buscamos a percepção atual da imagem, sob a luz desta discussão, por meio das reflexões acerca dos grupos sociais considerados como minorias e de como são/ foram representados.

Assim, esperamos contribuições que estabeleçam relações entre obras, artistas, sociedade e poder dentro do contexto. Desta forma, o Simpósio Temático “Debates na arte: Identidades e Representações” considera bem-vindo todos os campos de pesquisa da arte, seja teórica ou historiográfica, que abordem esse contexto.

Tendo em vista o tema central do evento da XXXIV Semana de História da UFJF, “GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADE E CLASSE: potencialidades interseccionais sob a ótica do saber histórico” este ST compactua com a mesma abordagem, porém no contexto das artes.

Haja vista o aprisionamento na história do indivíduo marginalizado, fora dos padrões estipulados pela sociedade, o espaço acadêmico para esta discussão corrobora e fortifica a consciência de uma pluralidade, contribuindo para dissolução, mesmo que ínfima, da discriminação persistente na sociedade. Reunindo trabalhos sobre esta temática, por meio das mais variadas formas e expressões artísticas, possibilitaremos uma conscientização relativa ao debate.

### **SIMPÓSIO TEMÁTICO 13: Gênero, sexualidade e ordenamento social no Medievo**

#### **Coordenadoras:**

Denise da Silva Menezes do Nascimento (Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> UFJF)

Aieska Pandolfi Monfardini (Mestranda UFJF)

#### **Ementa:**

Ao longo dos anos tem multiplicado as pesquisas que analisam os diferentes atores das sociedades medievais dando destaque a sujeitos que até a metade do século XX eram preteridos pela historiografia ocidental. Nesse sentido, ganharam destaque as pesquisas que se voltam para o estudo das mulheres, das minorias religiosas e dos grupos menos abastados.

Levando em consideração que o tema da XXXIV Semana História é fundamental para implicarmos nosso conhecimento sobre o Medievo e para desfazermos preconceitos que ainda recaem sobre o período, este simpósio visa congrega pesquisadores que analisam a Idade Média e o início da Idade Moderna em suas diversas perspectivas – social, política, econômica, cultural – a fim de debatermos as temáticas relacionadas a

gênero e sexualidade, Buscamos, também, refletir sobre a rede de alianças e conflitos entre os diferentes grupos constituintes do ordenamento social.

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 14: Por outras dimensões do Brasil Oitocentista: atores, elites e poderes**

**Coordenadoras:**

Luiza Coutinho Ottero (mestre pela UFJF).

Luísa Moraes Silva Cutrim (doutoranda pela UFJF)

Raissa Gabrielle Vieira Cirino (doutoranda pela UFJF).

**Ementa:**

Considerando as novas perspectivas da História Social, que buscam compreender e analisar as múltiplas formas de inserção e atuação dos indivíduos e grupos nos variados palcos de poder, assim como a convergência desses espaços e sua repercussão nos demais âmbitos (econômico, político e social), o presente simpósio propõe reunir trabalhos que discutam o protagonismo desses indivíduos e de seus grupos de congregação – como as famílias, as casas comerciais, as Câmaras, os Conselhos de Província (de Governo e Geral) –, enfocando suas formas de articulação e estratégias para se adaptar, negociar e impor diante das perspectivas abertas com as transformações econômicas, o processo de Independência do Brasil e a posterior formatação do Estado imperial.

Ao refletir sobre a atuação dos atores através de seus contextos, projetos e interesses, podemos compreender, por diferentes vieses, o complexo processo de constituição de um novo aparato estatal que, além de agregar um imenso território, articulou a junção de diversas culturas e práticas que, em alguma medida, ainda encontram ressonância em nossa realidade atual. Por exemplo, a intrigante perpetuação de gerações das mesmas famílias no âmbito político ou a progressiva comunhão entre as esferas política e econômica a partir da atuação de negociantes, empresários e afins no jogo político. Ademais, observamos que existe uma lacuna com relação à temática, principalmente no que diz respeito à história local e regional no século XIX. Assim, pretendemos reunir pesquisadores e interessados, de diversos níveis acadêmicos, com o intuito de suprir tal carência, proporcionando-lhes um espaço de diálogo, além de incentivar mais pesquisas.

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 15: Teoria Queer, interseccionalidade e escrita da história**

**Coordenadores:**

Cássio Bruno de Araujo Rocha - Doutorando em História- PPGH/ UFMG/CAPES - [caraujorochoa@gmail.com](mailto:caraujorochoa@gmail.com) - <http://lattes.cnpq.br/0153381151242770>

Natanael de Freitas Silva - Doutorando em História - PPHR/UFRRJ/CAPES - [natanaelfreitass@gmail.com](mailto:natanaelfreitass@gmail.com) - <http://lattes.cnpq.br/3252227264923513>

### **Ementa:**

Passados quase três décadas desde a formação do campo de estudos e pesquisas, radicalmente trans-disciplinar (como resistência à disciplinarização do saber), que tem sido a Teoria *Queer* nos Estados Unidos (e ainda menos tempo desde sua difusão no Brasil e em outras regiões do Sul global, o que podemos datar a partir dos primeiros anos do século XXI), os diálogos com a história seguem sendo pouco expressivos. No entanto, a Teoria *Queer* apresenta um aparato teórico-conceitual que é capaz de dar lugar a questionamentos cruciais para a historiografia. Como já mostrara David Halperin, ou, em um anacronismo *queer*, Foucault, uma mirada *queer* sobre a história permite questionar certezas consagradas, revisitar periodizações clássicas, propor novos problemas, construir novos fatos, conceitos, descolonizar corpos, gêneros, afetos e potencializar a voz de personagens marginalizados (VERGUEIRO, 2015), pondo em xeque a heterossexualidade compulsória que, implicitamente, tem governado a escrita da história.

Assim, o presente Simpósio objetiva reunir diversos estudos que a partir das provocações da Teoria Queer (BUTLER, 2013; MISKOLCI, 2009 e 2012; SALIH, 2012), sobretudo com a denúncia e crítica da heterossexualização da ciência, dos corpos, das subjetividades e da linguagem (FOUCAULT, 1996; HARAWAY, 1995; DASTON, 2017), e da intersecção entre as posições de raça, gênero, classe e sexualidade (AZERÊDO, 1994; BRAH, 2006; ANZALDÚA, 2005; HIRATA, 2014) mobilizem as seguintes discussões: 1) Hierarquias sociais nos processos de produção dos corpos sexuados, suas dissidências, abjeções e contracondutas (FOUCAULT, 2008; CANDIOTTO, 2010; GRABOIS, 2011); 2) (homo)sexualidades, masculinidades e feminilidades disparatadas (MISKOLCI e SIMÕES, 2007; VERAS e ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016) e 3) Relações de poder e desigualdades de gênero/raça/etnia na (re)escrita da história e a sexualização do discurso historiográfico (RAGO, 2001; WELZER-LANG, 2004; JENKINS, 2014).

### **Bibliografia**

AZERÊDO, S. Teorizando sobre gênero e relações raciais. **Revista Estudos Feministas**, p.203-216, 1994.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** (26), p.329-376, janeiro-junho de 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. 4. Ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012;

\_\_\_\_\_. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. Corpos que ainda importam. In: COLLING, Leandro. (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: edufba, 2016, p. 19-42.

CANDIOTTO, Cesar. Ética e Política em Michel Foucault. **Trans/Form/Ação**. Marília, v. 33, n. 2, p. 157-176, 2010.

COELHO, Salomé. Por Um Feminismo Queer: Beatriz Preciado e a pornografia como pretextos. **exæquo**, n.º 20, p. 29-40, 2009.

CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier; VIDARTE, Paco. **Teoria Queer. Políticas Bolleras, Maricas, Trans, Mestizas**. Editorial EGALES, Barcelona, 2005.

COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e “o feminismo da diferença”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 13 (3): p.691-703, set./dez, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

DASTON, Lorraine. *Historicidade e objetividade*. Editora LiberArs, 2017.

DE LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Tendências e Impasses**. O Feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. Capitalismo e esquizofrenia 1. 2. ed. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**. A vontade de saber. Trad. Pedro Tamen. Lisboa: Antropos, Relógios d'água, 1977.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, Roberto. (Org.). **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 15-37.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. SP: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. O saber gay. **Ecopolítica**, 11: jan-abr, p. 2-27, 2015.

GRABOIS, Pedro F. Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault: contracondutas, sublevações e lutas. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**. 19, 2/2011, pp. 07-27, 2011.

HALL, Stuart. Cultural Studies and its theoretical legacies. In: GROSSBERG, L. et alii (eds.). **Cultural Studies**. New York: Routledge, 1992. P.277-294.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALPERIN, David. **One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love**. New York: Routledge, 1980.

\_\_\_\_\_. **Saint Foucault**. Towards a gay hagiography. New York: Oxford University Press, 1995

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5) p. 07-41, 1995.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue**. As vertigens do pós-humano. 2. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 33-118.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1, p.61-73, junho, 2014.

JAGOSE, A. **Queer theory**. An Introduction. New York, N.Y.: New York University Press, 1996.

JENKINS, Keirth. **A História Refigurada**: novas reflexões sobre uma antiga disciplina. SP: Contexto, 2014.

KATZ, Jonathan. **The invention of heterosexuality**. New York, NY: Penguin Books USA, 1996.

LOPES, Fábio Henrique. CORPOS TRANS! VISIBILIDADE DAS VIOLÊNCIAS E DAS MORTES. **Dossiê Transversos**: O Corpo na História e a História do Corpo, Rio de Janeiro, v. 05; n. 05; p.8-22, Ano 02. dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Possibilidades de conexão. Michel Foucault, relações de gênero e estudos queer. **BAGOAS - ESTUDOS GAYS: GÊNEROS E SEXUALIDADES**, v. 16, p. 162-196, 2017.

\_\_\_\_\_. Escritas de si e artes de viver transgênero: as insubordinações de uma escrita trans? In: Anselmo Peres Alós. (Org.). **Poéticas da masculinidade em ruínas**. O amor em tempos de AIDS. Santa Maria: UFSM/PPGL, 2017, p. 127-149.

\_\_\_\_\_. Travestilidades e ditadura civil-militar brasileira: Apontamentos de uma pesquisa. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 23, n. 35, p. 145-167, set. 2016.

LORDE, Audrey. Age, race, class and sex: women redefining difference. In: LORDE, Audrey. **Sister outsider**. New York City: Crown Publishing Group, 2007. P.114-123.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2004.

MAGALHÃES GOMES, Camilla de. Gênero como categoria de análise decolonial. **Civitas**(Porto Alegre), v. 18, p. 65-82, 2018.

MAIA, Cláudia. **A invenção da solteirona**. Conjugalidade moderna e terror moral. Minas Gerais (1890-1948). Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2011.

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. Campinas, **Cadernos Pagu**, p.7-85, n.20, 2003.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. (Orgs). **Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos**. SP: Annablume; Fapesp, 2012.

\_\_\_\_\_. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, ja./jun. 2009.

\_\_\_\_\_. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, UFOP-2012.

MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio Assis (Org.). Dossiê Sexualidades Disparatadas - n. 28, Campinas: **Cadernos Pagu**, p. 9-18, 2007.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia: UFG, v.11, n.2, p.263-274, 2008.

PRECIADO, Paul-Beatriz. **Manifesto contrassexual**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar**. A utopia da cidade disciplinar. Brasil, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar. (Org.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p. 21-42

\_\_\_\_\_. Descobrir historicamente o gênero. **Cadernos Pagu** (11), Campinas, p. 89-98, 1998.

\_\_\_\_\_. Feminizar é preciso: por uma cultura filógena. **São Paulo Perspec**. vol.15, n.3, p. 53-66, 2001.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. **Fazendo Gênero 10**(Anais Eletrônicos), Desafios Atuais dos Feminismos, Florianópolis, 2013.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**. Estudos gays, gênero e sexualidade. Tradução Carlos Guilherme do Valle, Natal, RN, v. 04, n. 05, p. 18-44, 2010.

ROCHA, Cássio Bruno de Araujo. **Masculinidades e Inquisição**. Gênero e sexualidade na América portuguesa. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

\_\_\_\_\_. Sodomia e gênero no tribunal da Inquisição: amantes hetero e homoeróticos entre a masculinidade e a feminilidade na América portuguesa. In: SOUZA, WlaumirDoniseti de. (Org.). **Sociedade, história e relações de gênero**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

\_\_\_\_\_. Teoria Queer entre a Pós-modernidade e o Presentismo: um caminho crítico possível?. **Periódicus**, Salvador, n. 6, v. 1, p. 212-240, nov. 2016-abr. 2017.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**. Políticas anais. Trad. Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 16(2): p. 5-22, jul/dez.1990.

\_\_\_\_\_. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, Tradução: Lúcia Haddad, (16), p. 297-325, fev.1998.

SEDGWICK, Eve K. **Epistemology of the closet**. Baltimore; London: The John Hopkins University Press, 1986.

SILVA, Natanael de Freitas. Quando dizer é fazer: a dimensão generificada do discurso historiográfico. **CADERNOS DO IL**, PORTO ALEGRE, v.54, p.126 141, 2017.

\_\_\_\_\_. Ditadura civil-militar no Brasil e a ordem de gênero: masculinidades e feminilidades vigiadas. **Mosaico** (Rio de Janeiro), v.7, p.64 83, 2016.

\_\_\_\_\_. **DZI CROQUETTES: invenções, experiências e práticas de si masculinidades e feminilidades vigiadas**. Dissertação (Mestrado em História), UFRRJ, 2017.

SPARGO, T. **Foucault and Queer Theory**. New York: Totem Books, 1999.

VERAS, Elias Ferreira; ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. (Org.) **Revista Esboços** - Dossiê: Quando Clio encontra as “sexualidades disparatadas”. v.23, n.35. Florianópolis: UFSC, p. 7-10, 2016.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2015.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001. p. 460-482.

\_\_\_\_\_. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004. p. 107-128.

WITTING, Monique. El pensamiento heterosexual. In: WITTING, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Trad. Javier Sáez, Paco Vidarte. Barcelona: Editorial Egales, 2006, p. 49-57.

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 16: Tantas falas para pouca escuta: Narrativas contemporâneas e perspectivas de (in)visibilidade e resistência em identidades subalternas**

**Coordenadores:**

Giovana de Carvalho Castro - Doutoranda em História – UFJF

Lucas Esperança da Costa - Doutorando em Estudos Literários – UFJF

Cristiane Veloso de Araújo - Doutoranda em Estudos Literários – UFJF

**Ementa:**

Este Seminário Temático objetiva encampar trabalhos que tenham como foco analisar, através da perspectiva das interseccionalidades com foco em gênero, raça e classe como se constroem, em distintas temporalidades a partir do século XX, estratégias de resistência ao racismo e ao sexismo. Concomitantemente busca aprofundar quais as implicações das articulações de marcadores sociais como gênero, sexualidade, classe, raça e geração na produção de sujeitos, corpos e identidades coletivas e na construção de tais narrativas nos discursos socioculturais atuais. Para tanto elencamos como eixos balizadores do debate:

- 1) Direitos humanos, políticas públicas e cidadania;
- 2) Corporalidades, identidades e protagonismos negros;
- 3) Produção midiática e construção de narrativas acerca de identidades negras;
- 4) Resistência cultural e identitária em discursos subalternos;
- 5) Masculinidades e feminilidades negras;
- 6) A produção literária de resistência e de desconstrução dos estereótipos negros;

Analisar a construção de identidades e narrativas a partir de suas intersecções com a elaboração de discursos e as temporalidades tem se constituído enquanto categoria recente nas pesquisas historiográficas. Essa nova perspectiva trouxe consigo novas possibilidades analíticas, principalmente pós Annales, que oportunizaram lançar luz sobre novos sujeitos na História, novas metodologias para compreender tais sujeitos e novas

fontes que permitissem dar voz a atores até então invisibilizados e silenciados pela historiografia. Gradativamente e em oposição a uma historiografia oficial perenemente focada na escrita de uma história pautada pela negação e pelo silenciamento da diversidade dos protagonistas vários que a articularam assistimos, nos últimos anos, à uma intensa ampliação nas pesquisas sobre a construção da história a partir de sujeitos subalternos, aqui amplamente definidos como indivíduos aliados das instâncias de poder.

Essa ampliação tem sido marcada por clivagens interdisciplinares dialogando com metodologias, recortes e temáticas numa dança que articula saberes que envolvem diversos campos da produção cultural tais como cinema, as artes plásticas e a literatura. A produção de obras literárias tem se mostrado como campo privilegiado no que se refere à discutir representações sobre o negro numa busca de dar visibilidade ao seu protagonismo, bem como de produzir mecanismos para a desconstrução dos estereótipos históricos que os engessam no lugar da sub-alteridade ou mesmo da invisibilidade social.

Importante salientar que os discursos sobre corpos negros no Brasil pautaram-se, pela perspectiva “freiryana”, numa defesa da harmonia racial e da inexistência de conflitos e violações silenciando sobre as permanentes estratégias de resistência à dominação e às violências. Na longa duração essas construções desconsideraram, como apontado por AiméCesaire, as permanentes estratégias de degradação física e simbólica sobre essas populações, que culminaram em diferentes elaborações identitárias sobre e por esses sujeitos, distintos entre si por sua não homogeneidade, elaborações essas que sintetizam a coluna dorsal desse simpósio.

Sendo assim, no desejo de contribuir para um debate híbrido e interdisciplinar focado na abertura para a discussão e a revisão de aspectos histórico-culturais silenciados, invisibilizados e distorcidos acerca da construção de lugares de subalternidade e suas perspectivas interseccionais com marcadores de gênero e raça bem como das resistências construídas pelos corpos alvejados, buscaremos compreendê-los como vetores sociais de diferença que atuam, de modo articulado, na produção das desigualdades, afirmando-se enquanto irredutíveis na singularidade mas sim, interligados entre e por um tecido que entrelaça convenções, normas e práticas sociais, numa concretude que insere tais corpos em espaços distintos e desiguais da narrativa historiográfica e cultural.

É inegável que as pesquisas e produções historiográficas com foco na produção interseccional vêm se consolidando ao longo das últimas décadas permitindo análises mais complexas acerca dos fenômenos sociais, culturais e políticos relativos ao protagonismo negro, mas, de forma paradoxal contribuindo para sua essencialização e homogeneização. Faz-se necessário assim aprofundar essa discussão na busca de contribuir para escritas históricas que articulem a compreensão das práticas de subjetivação aos processos da memória (o lembrar, o relembrar, o esquecer) interligadas às relações de poder

disseminadas nas sociedades e às identidades raciais e de gênero, com vistas a oportunizar a emergência de novos protagonismos

Assim, almejamos debater análises teóricas e/ou empíricas que contribuam para a crítica e contestações de naturalizações observadas nas diversas experiências sociais assumindo a interseccionalidades de gênero, raça, sexualidade, corporalidade, como construções discursivas, históricas e performativas e que carregam em si uma polifonia de narrativas em oposição à categorização que tende à busca da homogeneidade. Urge à historiografia questionar, de forma mais assertiva, como operar articulações interseccionais que suplantem a sobreposição de vetores de exclusão numa perspectiva efetivamente dialógica com marcadores que estão em constante processo de (re)construção e disputa no cenário social e político.

#### BIBLIOGRAFIA

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/viewFile/9948/11520>. São Paulo, 2003.

Acesso em 06/2016.

\_\_\_\_\_. **Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência**. Disponível em <http://articulacaodemulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/06/TC-6-CARNEIRO-Suely-Mulheres-Negras-e-Poder.pdf> Acesso em 06/2016.

CASTELO, Cláudia. «**O modo português de estar no mundo**»: O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961). Porto: Afrontamento, 1998.

CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Disponível em: <https://antropologiadeoutraforma.files.wordpress.com/2013/04/aime-cesaire-discurso-sobre-o-colonialismo.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade**. Terra Roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários, v.17, Londrina, 2009.

\_\_\_\_\_. **Feminismo e desconstrução: anotações para um possível percurso**. In: Gênero e representação: teoria, história e crítica. DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo Assis e BEZERRA, Kátia da Costa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FREYRE, Gilberto. **O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas**. 2.ed. Lisboa: Livros do Brasil, [19--].

#### SIMPÓSIO TEMÁTICO 17: Sociedades escravistas nas Américas (séculos XVI - XIX)

##### **Coordenadores:**

Ana Caroline Carvalho Miranda - [anacarolinec625@gmail.com](mailto:anacarolinec625@gmail.com) - Doutoranda em História – UFJF

Ana Paula Dutra Bôscaro - [anapaulaboscaro@gmail.com](mailto:anapaulaboscaro@gmail.com) - Doutoranda em História – UFJF

Caio da Silva Batista - [caiodasilvabatista@gmail.com](mailto:caiodasilvabatista@gmail.com) - Doutorando em História – UFJF

Dayana de Oliveira Silva - [dayana.oliveira84@hotmail.com](mailto:dayana.oliveira84@hotmail.com) - Mestranda em História - UFJF

Roseli dos Santos - [selix07@hotmail.com](mailto:selix07@hotmail.com) - Doutoranda em História - UFJF

### **Ementa:**

Nas últimas décadas, a historiografia tem lançado luz sobre as problemáticas envolvendo as populações escrava e egressa do cativo nas Américas, buscando uma melhor compreensão das relações de poder, das sociabilidades, dos tratos comerciais, culturais e religiosos em que estes indivíduos estavam inseridos. A partir disso, as práticas cotidianas, as trajetórias individuais e coletivas estão sendo resgatadas e as diversas faces da escravidão e da liberdade postas em evidência. O intuito deste simpósio é criar um espaço para apresentar e discutir criticamente as diferentes experiências da escravidão, nos distintos espaços das Américas, entre os séculos XVI ao XIX. Dentre os temas: tráfico atlântico e interno; moradia e escravidão urbana; escravidão e espacialidade; alforria e libertos; família e redes de sociabilidade; racialização e hierarquias sociais; culturas africanas e etnicidade; política e diplomacia da escravidão; economia e estruturas produtivas; ideias antiescravistas e pró-escravistas; resistência escrava; cidadania e formação dos estados nacionais; experiências e relações de trabalho; escravidão, lei e justiça; e, por fim, trabalhos que se debruçam sobre o pós-abolição.

Visamos contemplar trabalhos que utilizem diversas tipologias documentais em suas análises, das quais, podemos citar: testamentos, inventários *post mortem*, ações cíveis, processos crime e administrativo, fontes eclesiásticas, correspondências, relatos de viajantes e legislações. Do ponto vista teórico-metodológico, serão aceitas pesquisas fundamentadas na História Social, Demografia Histórica, História Econômica, História Cultural, Micro-História, dentre outras correntes.

Ao longo dos anos, muitos foram os estudos que se dedicaram a analisar a escravidão, englobando não apenas as áreas urbanas, centrais e dinâmicas, mas também as regiões agrárias nas Américas. Os enfoques e temas de estudo são inesgotáveis. O tema abre espaço para investigações diversas e bastantes complexas. Nesse sentido, o atual Simpósio Temático ganha importância sumária, pois permitirá o enriquecimento e o estímulo das futuras análises e abordagens. Ao promover a discussão e a reflexão sobre a escravidão negra no Brasil e nas Américas entre os séculos XVI ao XIX, buscamos congregamos pesquisadores que pensem sobre os múltiplos significados desta instituição. Dentro desta perspectiva, almejamos introduzir e discutir questões que permitam o avanço das pesquisas acerca da escravidão urbana e rural.

## **Bibliografia:**

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. Séculos XVI e XVII. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- BOSCHI, Caio. *Os leigos e o poder*. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais, São Paulo: Editora Ática, 1986.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- COTTA, Francis A. *Negros e mestiços nas milícias da América portuguesa*. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*; tradução Heci Regina Candiani. -1. Ed.- São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, David Brion. *O problema da escravidão na cultura ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FICHSER, B., GRINBERG, K e MATTOS, H. *Direito, silêncio e racialização das desigualdades na História afro-brasileira*. No Prelo, Cambridge, 2018.
- FLORENTINO, Manolo. *Em Costas Negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- FLORENTINO, Manolo & GÓES, José Roberto. *A paz das senzalas*. Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro c.1790 – c.1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- FLORENTINO, Manolo (Org.). *Tráfico, Cativo e Liberdade*: Rio de Janeiro, séculos XVII-XIX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima; (Orgs.). *O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI- XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FRAGOSO, João, GUEDES, Roberto & SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de (Orgs.). *Arquivos paroquiais e história social na América Lusa, séculos XVII e XVIII: métodos e técnicas de pesquisa na reinvenção de um corpus documental*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.
- FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (Orgs.). *O Brasil colonial*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- HEYWOOD, Linda. (Org.) *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- LARA, Sílvia Hunold. *Fragments setecentistas – escravidão, cultura e poder na América portuguesa*. Tese (Livre-Docência). Unicamp, Campinas, 2004.
- LARA, Sílvia. “Conectando historiografias: a escravidão africana e o Antigo Regime na América Portuguesa.” In *Modos de Governar: Idéias e Práticas Políticas no Império Português, séculos XVI a XIX*, eds. Maria Fernanda Bicalho e Vera Lucia Amaral Ferlini, 21-38. São Paulo: Alameda, 2005.
- LIBBY, Douglas C. e FURTADO, Júnia F (Orgs.). *Trabalho livre, trabalho escravo: Brasil e Europa, séculos XVII e XIX*. São Paulo: Annablume, 2006.
- LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. *Escravidão no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.
- MACHADO, Cacilda. *A trama das vontades: negros, pardos e brancos na construção da hierarquia social do Brasil escravista*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- MATTOS, Hebe. *Memórias do Cativo*: narrativas e etnotexto. História Oral. Vol 8, n 1, 2005.
- MINTZ, Sidney W., PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro-americana: numa perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas/Universidade Candido Mendes, 2003.
- MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos livres: a abolição do tráfico de escravos no Brasil*. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Os Santos Pretos Carmelitas: culto dos santos, catequese e devoção negra no Brasil Colonial*. Tese (Doutorado em História). UFF, Niterói, 2002.

PAIVA, Eduardo França. *Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias de resistência através dos testamentos*. São Paulo: Annablume, 1995.

PAIVA, Eduardo F. & SANTOS, Vanicléia Silva (Orgs.). *África e Brasil no mundo moderno*. São Paulo: Annablume, 2012.

PANTOJA, Selma & SARAIVA, José F. S. (Orgs.). *Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

PARRON, TAMIS. *A política da escravidão no Império do Brasil, 1826-1865*. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

REIS, João José & SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

REIS, João José e GOMES, Flávio da Silva (Orgs.). *Liberdade por um fio*. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, Jaime. *O infame comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850)*. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2000.

RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa: Escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. *Escravos e libertos no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras/CNPq, 1988.

SILVA, Alberto da Costa e. *Um rio chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Ed. UFRJ, 2003.

SCHWARTZ, Stuart B. *Escravos, roceiros e rebeldes*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SILVA, Luiz Geraldo. *Sobre a “etnia crioula”: o Terço dos Henriques e seus critérios de exclusão na América portuguesa do século XVIII*. In: GONÇALVES, Andréa Lisly; CHAVES, Cláudia M. Graças & VENÂNCIO, Renato Pinto (Orgs.). *Administrando Impérios: Portugal e Brasil nos séculos XVIII e XIX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da Cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. RJ: Civilização Brasileira, 2000.

SOARES, Márcio de Sousa. *A remissão do cativo*. Alforrias e liberdades nos Campos dos Goitacazes, c. 1750 - c. 1830. Tese (Doutorado em História). Niterói, UFF, 2006.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação de rei congo*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. *A gente de Felisberta. Consciência histórica, história e memória no litoral rio grandense no pós-emancipação (c. 1847-tempo presente)*. Tese de doutorado em História, UFF, 2013 (publicada como Felisberta e sua gente. consciência histórica e racialização em uma família negra no pós-emancipação riograndense. Rio de Janeiro: FGV, 2015).

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 18: História oral, memória, biografia e trajetórias: temas, abordagens e perspectivas de investigação nas temporalidades históricas**

**Coordenadores:**

Amanda Monteiro (Doutoranda/PPGHIS UFJF)

Ana Cláudia Gonçalves (Doutoranda/PPGHIS UFJF)

Esther Itaborahy Costa (Doutoranda/PPGHIS UFJF)

**Ementa:**

Este simpósio temático objetiva dar visibilidade às pesquisas em torno das questões identitárias, relacionadas à utilização da memória e da oralidade como fontes prioritárias para entender os diversos sujeitos históricos, bem como à utilização do gênero biográfico e das análises de trajetórias individuais em investigações no campo da história, incluindo, além do trabalho empírico realizado por historiadores que se dedicam ao estudo de trajetórias individuais e biografias, a biografia enquanto fonte a ser analisada pelo investigador ao longo de seu trabalho.

Segundo Geovani Levi, grande parte das questões metodológicas da historiografia contemporânea está relacionada à biografia, especialmente no que tange aos problemas de escala em análise, relações entre regras e práticas e sua relação com as ciências sociais. Para o historiador, esse debate ganha dimensões ainda maiores quando se considera a complexidade humana, a formação progressiva e não-linear das personagens e suas contradições. Notadamente, a partir do século XIX, e posteriormente no século XX, o sucesso editorial das biografias, com os avanços na historiografia e a ampliação das fontes e temáticas nesse campo, permitiram às trajetórias ganhar espaço na escrita acadêmica, contribuindo para a observação de diferentes aspectos históricos.

Para os historiadores, a biografia permite, através da análise de uma vida, compreender redes, grupos, partidos, movimentos religiosos, e uma gama de organizações nas quais o indivíduo analisado se inseriu, levando em conta a sua relação com os demais membros. Nesse sentido, Michel de Certeau ressalta que cada homem deve ser entendido como “um locus no qual uma incoerente e frequentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais interagem” (CERTEAU, 1984, p. XI). A biografia é uma opção que traz consigo uma série de desafios, sendo o mais expressivo deles o de, por meio da análise de uma vida, oferecer contribuições para ampliar o conhecimento sobre determinado assunto no campo da história. Conforme ressalta Phillippe Levillan, é possível, por meio da biografia, analisar relações entre a vontade própria do indivíduo e as forças convergentes ou concorrentes a ele, e a partir dessa análise, fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios.

Outro aspecto a ser destacado, dentro das discussões que exploramos, envolve a relação entre história e memória. Nas palavras de Pierre Nora (1993), “a memória é um fenômeno sempre atual, vivido no eterno presente”. A história, por sua vez, “[...] é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1993, p. 9). Assim, ao tratar a memória como um objeto de análise histórica, uma das principais metodologias utilizadas tem sido a história oral. É importante ressaltar que as fontes orais

dispõem das mesmas exigências teóricas e metodológicas contidas nos outros tipos de fontes das quais recorre o historiador. Logo, fontes escritas e orais devem ser pensadas dentro de seus contextos de produção, ambas devem ser analisadas sob o mesmo rigor. Deste modo, como salientado por Alessandro Portelli, “na realidade, as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes. Elas têm em comum características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes preenche melhor que o outro)”(PORTELLI, 1997, p.25). Ademais, como afirma Beatriz Sarlo (2007), a história oral conserva lembranças e repara identidades machucadas, colaborando com a reconstituição do passado e permitindo a recuperação do que foi perdido pela violência do poder.

Essas discussões têm ocupado nos últimos anos um espaço cada vez maior entre os debates realizados pelos historiadores, além de pesquisadores de outras áreas do conhecimento. Este avanço produz no campo historiográfico efeitos significativos para a compreensão das diversas formas por meio das quais os sujeitos históricos compreendem seu passado, vinculam suas experiências e interpretam suas vidas e o mundo à sua volta. Portanto, o simpósio temático “História oral, memória, biografia e trajetórias: temas, abordagens e perspectivas de investigação nas temporalidades históricas” está aberto aos recortes temáticos que explorem e avaliem a natureza do gênero biográfico, das trajetórias de vida, da história oral e do processo de memória histórica.

### **Indicações bibliográficas:**

- ALBERTI, Verena.; FERNANDES, Tania Maria.; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- BOTT, Elizabeth. *Família e Rede Social. Papéis, Normas E Relacionamentos Externos Em Famílias Urbanas Comuns* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. Razões práticas. Sobre a teoria da ação. 9 ed. Campinas: Papirus Editora, 2008.
- CERTEAU, Michel de. *The Practice of Everyday Life*. Berkeley/Los Angeles/ Londres: University of Califórnia Press, 1984, p. xi.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994
- FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.); MOTTA, Marly Silva da; DIAS, José Luciano de Mattos; ALBERTI, Verena; ABREU, Alzira Alves de; D'ARAUJO, Maria Celina; FARIAS, Ignez Cordeiro de. *Entre-vistas: Abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1994.
- FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- HABERMAS, Jurgen. *A Inclusão do Outro*. São Paulo: Loyola, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *Fragmentos da la Memoria Coletctiva*. Seleção e tradução. Miguel Angel Aguilar D. (texto em espanhol). Universidad Autónoma Meropolitana-Iztapalapa Licenciatura em Psicologia Social. Publicado originalmente em Revista de Cultura Psicológica, Año 1, Número 1, México, UNAM- Facultad de psicologia, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990 apud BOSI,

Eclea. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

JOUTARD, Philippe. “História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 149 anos”. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

JOUTARD, Phillippe. “Desafios à história oral do século XX”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.167-182.

LEVILLAN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, JACQUES. (Org.) *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MARTINS, Rodrigo Perla; MACGADO, Carlos R.S. (Orgs.) *Identidades, Movimentos e Conceitos: fundamentos para discussão da realidade brasileira*. 2ª ed. Novo Hamburgo: Fevale, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Desafios da História Oral Latino-americana: o caso do Brasil. In: ALBERTI, Verena.; FERNANDES, Tania Maria.; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

MONTAGNER, Miguel Angelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan. /jun. 2007,

NORA, Pierre. Ente Memória e História: A problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo(10), dez.1993.

PORTELLI, Alessandro. “Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade”. In: *Projeto História*. São Paulo, nº.14, 1997.

REVEL, Jacques. (Org.) *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise* Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007

SCHIMIDT, Benito. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”. In: GUAZZELI, César Augusto Barcellos etall. (Org.). *Questões da teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

THOMPSON, Alistair. “Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 19: Audiovisual e Música: novas perspectivas para a construção do conhecimento histórico**

**Coordenadores:**

Nathalia Guimarães e Sousa - Mestranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Tomás Santos Lopes de Freitas - Mestrando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

**Ementa:**

A historiografia por um longo período considerou ilegítimos diversos objetos e fontes que eram tidos como alternativos a um fazer histórico factual e positivista. É principalmente com a revolução historiográfica, trazida pela escola dos Annales, que repensamos a potencialidade das representações diversas. O cinema, por exemplo, bem como a música, passa a ser um “importante canal através do qual conseguiu apreender testemunhos da sociedade, de sua mentalidade, de seus costumes e de sua ideologia”. (SILVA, 2004, p.2). A utilização de fontes históricas alternativas às fontes escritas oficiais contribui para a exploração de diversas linguagens e procedimentos de pesquisa abrindo novas perspectivas para interpretar a história, redimensionando a importância da vida cotidiana dos diferentes grupos sociais e estimulando o estabelecimento de relações entre problemáticas históricas. Além disso, essa nova ótica propicia, também, a percepção temporal nas suas diferentes gradações, tais como: mudanças, permanências e simultaneidade. É nesse sentido que as fontes audiovisuais e musicais vêm ganhando cada vez mais espaço na pesquisa histórica contribuindo para a construção de uma bibliografia mais ou menos recente. Portanto, a utilização do cinema, da televisão, da música como fonte e também como objeto, acende as possibilidades de percorrer novos caminhos investigativos. O objetivo deste Simpósio Temático é propiciar um espaço para discutir e trocar experiências acerca destas novas fontes e temáticas para a compreensão da história. Como nos orienta Marcos Napolitano (NAPOLITANO, 2008, p. 236) “a questão, no entanto, é perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos”. Para tanto, espera-se trabalhos que visam utilizar o audiovisual e a música tanto como fonte quanto como objeto para a escrita da história, a fim de problematizar temas como a identidade, a representação, a transformação da realidade, a linguagem, o imaginário, entre outros, com o intuito de revelar características políticas, econômicas, sociais e/ou culturais das sociedades através de uma perspectiva interdisciplinar.

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 20: A Escrita Feminina e as Relações de Gênero: Diálogos**

**Possíveis**

**Coordenadores:**

Ioneide Maria PiffanoBrion de Souza - Doutora em História, Política e Bens Culturais - (FGV) / Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História (UFJF)

Laura Junqueira de Mello Reis - Mestranda do Programa de Pós-graduação em História - (UFJF)

Mariana Mello Alves de Souza - Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários (UFJF)

Natália Lopes de Souza - Mestranda do Programa de Pós-graduação em História (UFJF)

### **Ementa:**

Nos debates mais recentes a escrita literária e a historiográfica são compreendidas como leituras possíveis da recriação do real uma vez que os discursos não apenas representam, mas também instituem imaginários e práticas sociais. O texto lido não oferecerá apenas a mediação do conhecimento de si mesmo, mas em última instância, estará proporcionando o conhecimento de um “mundo” através do mundo dos escritos. De acordo com Paul Ricoeur “contando histórias os homens articulam sua experiência do tempo, orientam-se no caos das modalidades potenciais do desenvolvimento, marcam com enredo e desenlaces o curso muito complicado das ações reais” (RICOEUR, 1978). Sendo assim, há uma crescente confluência entre História e Escritos Ficcionais que tem possibilitado encarar a forma historiográfica e a forma ficcional como apenas formas de apropriação e construção da realidade, modalidades de discurso que devem ser situadas no mundo real e que possuem por objeto o homem.

Este Simpósio Temático pretende ser um espaço para se pensar a escrita de autoria feminina não só através da literatura mas também através de artigos de periódicos, cartas, diários e todos os meios utilizados pelas mulheres para se expressarem. Propondo assim, o entendimento desses escritos como uma forma de perceber as experiências sociais, o papel e o lugar social destinado a mulher em sua temporalidade. Desta forma, enfatizando discussões que busquem problematizar como atribuições de feminilidades e masculinidades são historicamente formatadas. Para tanto, deseja-se a análise das relações de gênero articular outros marcadores operantes socialmente (raça, classe, geração, identidade, sexualidade, religião, por exemplo) desenvolvendo, assim, investigações críticas sobre identidades de gênero, particularmente a partir de perspectivas que problematizem processos de naturalização e normatização.

### **Objetivos:**

\* Acolher resultados de pesquisas concluídas ou em andamento que possam revelar experiências e/ou a agência de sujeitos silenciados no passado e/ou no presente, a partir de uma perspectiva de gênero que tenha a escrita feminina como fonte.

- \* Discutir pesquisas e a utilização destas para compreender e perceber como foram/são construídas as relações de poder que estruturam sistemas de desigualdades e exclusão.
- \* Receber estudos que se voltem para a produção literária de escritoras, buscando desvendar como se constroem literariamente a(s) identidade(s) feminina(s).
- \* Refletir sobre a definição dos papéis sociais procurando revelar os obstáculos que se interpõem à afirmação da intelectual no mundo das Letras.
- \* Entender a abertura de espaço que determinados periódicos estavam destinando às mulheres escritoras, a partir de meados do século XIX.
- \*Problematizar a escrita feminina como meio de resistência ao pensamento dominante.

As desigualdades de gênero na sociedade resultam de uma tendência histórica em “naturalizar” desigualdades prevaletentes. A naturalização das desigualdades de gênero desempenha uma função fundamental na reprodução das desigualdades sociais, quer sejam elas de classe, raciais, de geração, étnicas e/ou sexuais e ajudam a difundir a ideia de igualdade de oportunidade para todos, ainda que em presença de forte hierarquização. Isto se torna possível porque as desigualdades de gênero aludem sempre às relações de poder,consequentemente,a forma como vivencia-se a opressão e a discriminação está diretamente relacionada a esta articulação. Os papéis sociais instituídos para o conjunto dos indivíduos são estabelecidos na sociedade como normas ou como costumes, sendo possível percebê-los na memória de histórias de vida, nos documentos oficiais e/ou nas leis. Assim, neste movimento reflexivo, os discursos historiográficos e os literários, ainda que mantenham suas fronteiras e particularidades, podem ser mobilizados de forma articulada para uma compreensão mais complexa desses papéis sociais. Partindo dessa perspectiva, pode-se sugerir que os textos ficcionais têm o potencial de contribuir para uma interpretação mais ampla e multifacetada das sociedades e das relações que nela se desdobram.

Assim, é pensando na relevância social de pesquisas que se debruçam sobre questões de gênero, num contexto político e cultural em que a espoliação e a apropriação do corpo feminino adquire a cada dia novas e mais problemáticas configurações, é que propomos esse espaço de debate.

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 21:A urgência da interseccionalidade nos estudos de gênero: (Re) produções de saber sobre as masculinidades e feminilidades silenciadas.**

**Coordenadores:**

José Rodolfo Lopes da Silva: Graduado em Turismo pela Faculdade Estácio de Sá, mestrando em educação no programa de Pós graduação FACED/UFJF na linha de linguagem e formação de professores com pesquisa sobre a construção de masculinidades no contexto de uma cidade pequena.

Iuli do Carmo Melo: Graduada em pedagogia pela Universidade Federal de São João del-Rei, mestranda em educação no programa de Pós-graduação da FAGED/UFJF na linha de linguagem e formação de professores com pesquisa sobre os movimentos de apropriação do conceito “cultura do estupro” pelo movimento feminista brasileiro contemporâneo.

### **Ementa:**

O presente simpósio busca agregar trabalhos relacionados a produção de masculinidades e feminilidades em diferentes processos educativos e contextos sociais. O objetivo é oportunizar espaços de afirmação e divulgação de saberes relacionados a sujeitos silenciados e marginalizados, diante reprodução da norma social que privilegia o homem, branco, heterossexual, cisgênero, cristão. Compreendemos o gênero como construção social, histórica e cultural, entendendo que este se dá na interação das relações sociais, através de processos históricos. Assim, partimos do princípio que não só a escola, mas também outras instituições e dispositivos tais como família, religião, mídia, tecnologia, redes sociais, entre outras, também educam; agem sobre a constituição de saberes e “Verdades” sobre o que é “ser homem” e “ser mulher”, engendrando complexas relações de poder e modos de ser/estar em sociedade. Interessa-nos pensar os múltiplos e possíveis modelos de masculinidade e feminilidade e suas diferentes intersecções como, geração, raça, sexualidade, religião e classe social. Acolhemos desse modo diferentes perspectivas teórico-metodológicas que concebem tais temáticas como possibilidades.

Intelectuais negras como bellhooks<sup>4</sup>, Ângela Davis, Lélia Gonzalez, Suelli Carneiro, Djamila Ribeiro, e outras, têm denunciado exaustivamente o silenciamento e invisibilização de sujeitos marginalizados na sociedade e a reprodução do machismo, racismo e LGBTTI fobia na organização dos movimentos sociais e na produção acadêmica.

As denúncias da invisibilização - ou como nos ensina Werneck (2013), produção ativa da inexistência - das lutas das mulheres negras mesmo dentro daqueles espaços alegadamente feministas trazem ao centro do debate a complexa rede que dá forma a aquilo que nomeamos, com Kimberly Crenshaw: interseccionalidade (CAETANO & GOULART, 2017, p.)

De acordo com Guacira Lopes Louro (2004), hoje como antes, o lugar ou posição social dos sujeitos no interior dos grupos sociais têm sido determinado pelos seus corpos. A cor da pele, formato dos olhos, ter ou não um pênis, o tamanho do corpo adquirem significados e valores culturalmente construídos e assim se tornam marcas de gênero, etnia, classe e nacionalidade. “Ao longo do tempo os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência do corpo; a partir dos padrões e referências, das normas valores e ideais da cultura. Os corpos são o que são na cultura” (LOURO, 2004, p. 75)

---

<sup>4</sup> A grafia do nome de bellhooks em letras minúsculas é uma preferência da autora.

As diferenças passam a ser pensadas em articulação com gênero, pelas feministas do terceiro mundo, pós-coloniais, ao final da década de 1980, chamando a atenção para a necessidade de articular gênero, raça, classe, religião e nacionalidade. É quando outras autoras vão reconhecer a relevância da análise conjunta da diferença. “No entanto, consideraram que para analisar de maneira adequada a operação conjunta dessas diferenças é necessário criar categorias alternativas a gênero e também à raça.”(PISCITELLI, 2008, p. 266).

KimberlyCrenshaw (2010) propõe a necessidade de identificar melhor o que acontece quando diversas formas de discriminação se combinam e afetam as vidas de determinadas pessoas. “A interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos.” (p.11)

Donna Haraway, citada porAdriana Piscitelli (2008), propõe a historicização das categorias como sexo, carne, corpo, biologia, raça e natureza para assim permitir pensar na emergência de corpos marcados por diferenças, —em uma perspectiva na qual a natureza não fosse imaginada como um recurso para a cultura, ou como o sexo para o gênero (p. 266). Os estudos sobre as diferenças cresceram na década de 1990, com a pressão dos movimentos políticos, surgindo assim a formulação dos conceitos categorias de articulação ou interseccionalidades (PISCITELLI, 2008).

A interseccionalidade coloca em evidência as diferentes experiências quanto à raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero e outros, que se articulam com a categoria gênero num contexto de violência.

O termo "interseccionalidades", (...) põe em relevo a diversidade das identidades e experiências das mulheres ao considerar a articulação do sexo/gênero com outros eixos identitários (raça, etnia, classe, sexualidade/orientação sexual, religião, idade/geração, territorialidade, etc.) que também participam de discursos e práticas sociais que sustentam desigualdades, exclusões e violências que acometem muitas mulheres em nossa sociedade (STEVEANS *et all*, 2017, p.10).

Nesse sentido, Monique Wittig vai afirmar que as mulheres lésbicas não existem em um sistema regido pela heteronormatividade. Ser mulher, num sistema heteronormativo, seria atender as normas binárias de gênero, em relacionamentos heterossexuais em acordo com as imposições de feminilidade.

O que é a mulher? Pânico, alarme geral para uma defesa ativa. Francamente, este é um problema que as lésbicas não têm por causa de uma mudança de perspectiva, e seria incorreto dizer que as lésbicas se associam, fazem amor, vivem com mulheres, pois “mulher” tem significado apenas em sistemas de pensamentos heterossexuais e em sistemas econômicos heterossexuais. As lésbicas não são mulheres. (WITTING in CANUTO, 2016, p.52).

bellhooks (2015) questiona a invisibilidade no movimento feminista atravessada pelo racismo. As teorizações feministas eram dominadas por mulheres brancas. Muitas vezes a perspectiva de realidade dessas mulheres não se aplica às experiências de um coletivo, sem a ciência de até que ponto essa perspectiva reflete preconceitos de classe e raça.

Os problemas da classe privilegiada eram reais, passíveis de atenção e transformação, no entanto, a maioria das mulheres tinha preocupações mais urgentes como a sobrevivência econômica e a discriminação racial. “O racismo abunda nos textos de feministas, reforçando a supremacia branca e negando a possibilidade de que as mulheres se conectem politicamente cruzando fronteiras étnicas e raciais.” (hooks, 2011, p. 195).

Portanto, a proposta é ampliar esse debate para a produção de feminilidades e masculinidades em contextos marginalizados. Compreendendo a urgência da produção de conhecimento desses e com esses sujeitos que subvertem a norma binária de gênero e por essa condição e suas sobreposições são silenciados e nomeados sob estereótipos - lésbicas, gays, periférico/as, negros/as, transexuais e travestis.

#### Referências:

CAETANO, Marcio. GOULART, Trayce. A produção ativa da não-existência e a escrita como autorepresentação da vida em situação de subalternidade. Disponível em: <http://www.moodle.sead.furg.br/course/view.php?id=5326> Acesso em julho de 2018.

CANUTO, Alice (Re)visitando personagens, cenários e vozes [manuscrito] : nas tramas sobre o —sujeito‖ do feminismo no Blogueiras Feministas. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Universidade federal de Minas Gerais. 2016.

CRENSHAW, Kimberly. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> Acesso em: julho de 2018.

CONNELL, Rayem. MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, maio 2013.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. Rev. Bras. Ciência Política, Brasília, n. 16, p. 193-210, Apr. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-33522015000200193&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193&lng=en&nrm=iso). Acesso em agosto de 2017.

LOURO, Guacira Lopes; MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 513-514, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008. Disponível em <

Acesso em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/5247/4295>> dezembro de 2017.

NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1993.

MORGANTE, Mirela Marin. NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. In: XVI Encontro Regional da Anpuh – Rio. 2014. Rio de Janeiro, Anais (on-line) RJ. Disponível em [http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465\\_ARQUIVO\\_textoANPUH.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf) Acesso em outubro de 2017.

MULHERES E VIOLÊNCIAS: Interseccionalidades / Organização Cristina Stevens, Susane Oliveira, Valeska Zanello, Edlene Silva, Cristiane Portela, -- Brasília, DF : Technopolitik, 2017.

SANTOS, Vilma Canazart dos. Indícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física. *Motriz: rev. educ. fis. (Online)* [online].

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Disponível em <<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/%20185058/.../Gênero-Joan%20Scott.pdf>> Acesso em agosto de 2017.

SEFFNER, Fernando. Derivas da Masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. 261 páginas.